

FRONTEIRA: LINHA QUE SEPARA, ZONA QUE UNE.
Inventário de expressões culturais das cidades Jaguarão-Rio Branco (Brasil-Uruguai)

MARIANA DE ARAUJO ISQUIERDO¹; FRANCISCA FERREIRA MICHELON²

¹Universidade Federal de Pelotas – mariisquierdo@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – fmichelon.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Os atuais limites do estado do Rio Grande do Sul e da República Oriental do Uruguai só foram definidos de fato em 1851, através do Tratado de Limites, revisado em 1909, pelo Tratado da Lagoa Mirim. Até então, esses territórios, passaram por vários domínios. Em decorrência de uma longa trajetória de disputas entre as coroas portuguesa e espanhola, a fronteira entre o Brasil e a República Oriental do Uruguai acabou adquirindo características peculiares. São cerca de 1000 km de uma fronteira seca, ou seja, uma fronteira totalmente demarcada pela ação humana. Seis cidades brasileiras fazem divisa com cidades uruguiaias (figura 1) – Santana do Livramento/Rivera – separadas por uma praça binacional; Quaraí/Artigas separadas pelo Rio Quaraí e ligadas pela Ponte Internacional da Concórdia; Jaguarão/Rio Branco separadas pelo Rio Jaguarão e ligadas pela Ponte Internacional Barão de Mauá; Barra do Quaraí/ Bella Unión separadas pelo Rio Quaraí e ligadas por uma ponte ferroviária; Chui/Chuy – separadas pela Avenida Internacional; Aceguá/Aceguá – separadas por uma rua.



Figura 1 - Localização das cidades uruguiaias que fazem divisa com o Brasil.

Fonte: <http://www.guiageo-americas.com/mapas/uruguai.htm>

Entre essas cidades, daremos destaque para as cidades de Jaguarão e Rio Branco. A região é considerada como o primeiro povoamento na zona de fronteira, seguida, em 1812 pela criação da Freguesia de Espírito Santo de Jaguarão e em 1832 a conversão para município. Finalmente, em 1855, passa a ser Cidade.

Ambas as cidades têm uma produção arquitetônica bastante semelhante, que mistura influências dos países colonizadores. Entretanto, em Jaguarão a influencia luso é mais evidente.

Em 1927 se inicia a construção da ponte, principal meio de ligação entre as duas cidades, que segundo Roberto Martins Duarte, materializa o desejo destas comunidades que vinha desde 1875. No decorrer dos anos muitas ideias foram

lançadas a fim de sua construção (DUARTE, 2002, p.264), no entanto, somente em 1918 é assinado um acordo entre os dois países, pelo qual a liquidação de uma dívida do Uruguai com o Brasil, foi dada com a construção da ponte.

Foi a primeira construção entre os dois países, sendo considerada um marco na aproximação política, econômica e cultural, principalmente, das duas cidades que ela une. Além disso, após a sua inauguração, em 1930, passou a ser o caminho mais curto entre a capital do estado, Porto Alegre, e Montevidéu.

Em maio de 2011 a ponte foi tombada pelo IPHAN¹ e é considerada, desde 1977, Monumento Artístico Nacional do Uruguai. Recebeu, recentemente, o Certificado de Patrimônio Cultural do Mercosul², tornando cada vez mais próxima a relação entre os dois países.

A população formada na fronteira possui uma identidade cultural própria, na qual a cultura de dois países distintos em aspectos fundamentais como a língua, acaba por se misturar em expressões próprias. É possível que no campo desta vivência tão próxima, a fronteira possa ser o lugar da intersecção no qual as diferenças podem tanto ser evidentes como deixarem de existir. Pode ser possível que o habitante deste lugar, seja de um lado ou outro da fronteira, muitas vezes, não consiga nem definir de onde vem os seus costumes e possa se sentir nem de um lado, nem de outro, e sim, no meio de algo distinto. Tal sentimento pode ser apreendido no trecho que finaliza o ensaio do escritor gaúcho Vitor Ramil, denominado a estética do frio: “Somos influência de três culturas, encontro de frialdade e tropicalidade. Qual é a base da nossa criação e da nossa identidade se não essa? Não estamos à margem de um centro, mas no centro de uma outra história.” (RAMIL, 2004).

Portanto, este trabalho se debruça sobre um aspecto que a historiadora Sandra Jatahy Pesavento entendeu como fator fundamental na formação dessa identidade cultural híbrida:

Se a fronteira cultural é transito e passagem, que ultrapassa os próprios limites que fixa, ela proporciona o surgimento de algo novo e diferente, possibilitado pela situação exemplar do contato, da mistura, da troca, do hibridismo, da mestiçagem cultural e étnica. (PESAVENTO apud MARTINS, 2002, p. 37)

Tal mistura, troca e contato cultural é intensificado pelas relações dadas no comércio. O comércio sempre esteve presente em zonas de fronteira, e neste caso, ressaltado pela facilidade com que se transita na ponte internacional Barão de Mauá. Durante muitos anos, o comércio nas fronteiras esteve ligado, exclusivamente, ao contrabando, entretanto, atualmente existe um comércio legalizado e muito forte nessa região. Em Jaguarão existe uma grande quantidade de empresas exportadoras, essas empresas são responsáveis por todo o trâmite necessário para exportação de produtos de empresas sem licença para tal. Entretanto, a relação de comércio que proporciona um contato mais direto entre os habitantes dos dois países são os Free Shops³. Em 2003 foram inaugurados na fronteira de Jaguarão-Rio Branco reforçando o contato cultural proporcionado pelas

¹ Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

² Mercado comum do Sul

³ Lojas localizadas em zonas consideradas internacionais. Vendem produtos importados com isenção ou redução de impostos. Em 1986 o governo uruguaio autorizou a abertura de free shops nas cidades de Rivera e Chuy e, após alguns anos, se espalharam por outras cidades. As lojas vendem exclusivamente para turistas estrangeiros, os uruguaios não tem permissão de fazer compras. Fonte: <http://uruguai.comprasnafronteira.com/turismo/free-shops/>.

relações de comércio. O trabalho tem como objetivo realizar um inventário das formas de expressão características das pessoas que trabalham com o comércio na região de fronteira do Brasil com o Uruguai, mais especificamente nas cidades de Jaguarão e Rio Branco.

2. METODOLOGIA

Para realização desse inventário será utilizado o manual de aplicação do inventário fornecido pelo programa, do Governo Federal, denominado Mais Educação⁴. O mesmo foi desenvolvido através de uma simplificação do Manual do INRC⁵ do IPHAN. Nele podemos identificar cinco categorias – celebrações, saberes, formas de expressão, lugares e objetos- que correspondem a uma ficha.

Nesse trabalho, o comércio é tratado como forma de expressão apreensível. O principal método de pesquisa será o de entrevistas aplicadas a pessoas diretamente ligadas as práticas de comércio na fronteira. O manual fornece um roteiro de entrevistas que será utilizado, podendo haver algumas adequações sobre o mesmo. Todas as entrevistas serão devidamente documentadas através de gravações e fotografias e, posteriormente, transcritas. O trabalho se antecede por revisão bibliográfica dos temas referentes às expressões culturais pesquisadas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um maior entendimento dos conceitos de limite e fronteira são encontrados no livro “A Fronteira”⁶ de Tau Golin.

Segundo o autor limite é “a linha divisória entre Estados limítrofes” (GOLIN, 2011 p.10). Essa linha se tornou, de certa forma, imprescindível após a criação do Estado Moderno pois, é através dela, que é possível manter uma unidade político-territorial. Segundo Machado:

Limite é um fator de separação, pois separa unidades políticas soberanas e permanece como um obstáculo fixo, não importando a presença de certos fatores comuns, físico-geográficos ou culturais. (MACHADO apud GOLIN, 2011, p. 11)

Em contrapartida, fronteira “é interpretada como uma faixa ou zona existente nos dois lados da linha divisória e de difícil precisão” (GOLIN, 2011 p.14). É uma zona que compartilha a mesma história de formação e com características geográficas, muitas vezes, sem distinção nenhuma. O que gera uma influência direta na forma de subsistência dos povos ali fixados e uma formação cultural muito próxima. Segundo Golin:

Na verdade, limite e fronteira são antinômicos: ora acentuam os aspectos geopolíticos e macroeconômicos típicos da soberania nacional e sua segurança, ora se insinuam como espaço de contato

⁴ O Programa Mais Educação, criado pela Portaria Interministerial nº 17/2007 e regulamentado pelo Decreto 7.083/10, constitui-se como estratégia do Ministério da Educação para indução da construção da agenda de educação integral nas redes estaduais e municipais de ensino que amplia a jornada escolar nas escolas públicas, para no mínimo 7 horas diárias, por meio de atividades optativas nos macrocampos: acompanhamento pedagógico; educação ambiental; esporte e lazer; direitos humanos em educação; cultura e artes; cultura digital; promoção da saúde; comunicação e uso de mídias; investigação no campo das ciências da natureza e educação econômica.

Fonte: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=16689&Itemid=1115

⁵ Inventário Nacional de Referências Culturais.

⁶ GOLIN, T. **A Fronteira**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

entre comunidades limítrofes, os ditos espaços transfronteiriços. (GOLIN, 2011, p. 17)

4. CONCLUSÕES

Nessa fronteira de intenso trânsito, o cotidiano das pessoas tem sido marcado pela hibridação, e uma identidade difusa se constrói. As fronteiras diluídas entre o estado do Rio Grande do Sul e o Uruguai nos seis pares de cidades que formam os pontos de encontro dos dois países sugerem uma cultura peculiar, permeada pelos “experimentos coletivos” que elaboram um território simbólico que não se apresenta nem como aproximação, nem como distanciamento, mas de um novo lugar, cuja condição, nem sempre evidente, é a de miscigenação. Dessa forma, as entrevistas terão como foco identificar expressões culturais próprias da região da fronteira e que estejam relacionadas às relações de comércio. Juntamente será feito um trabalho empírico a fim de compreender e conhecer melhor a fronteira e as relações existentes nela. Tudo isso com a finalidade de identificar expressões culturais relevantes e produzir um inventário.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARNONI, Rafale k. **A tradição das marcas de gado nos Campos Neutrais, RS/ Brasil**. Pelotas: Programa de Pós Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, UFPel, 2013.
- DUARTE, Roberto M. **A ocupação do espaço na fronteira Brasil-Uruguay: A construção da cidade de Jaguarão**. Barcelona: Escola Tècnica Superior D'arquitectura, Universitat Politècnica de Catalunya, 2001.
- GOLIN, T. **A Fronteira**. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 8 d. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- IPHAN. Departamento de Identificação e Documentação. **Inventário Nacional de Referências Culturais: manual de aplicação**. Brasília, DF: 2000.
- IPHAN. **Manual de aplicação: Programa Mais Educação**. Brasília, DF: Iphan/DAF/Cogedip/Ceduc, 2013.
- LUCENA, Marta Gomes. **Territorialidade de fronteira: uma contribuição ao estudo da questão fronteiriça Brasil-Uruguai no contexto do Mercosul**. Rio de Janeiro: Programa de pós-graduação em Desenvolvimento, agricultura e sociedade, UFRRJ, 2011.
- MATOS, Everton C. **Brasil e Uruguai: uma dívida que virou ponte**. Uruguaiana: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, PUC-RS, 2008.
- PESAVENTO, Sandra J. Além das Fronteiras. In: MARTINS, Maria H. (org.). **Fronteiras culturais: Brasil – Uruguai – Argentina**. São Paulo: Atelie Editorial, 2002.
- PUCCI, Adriano Silva. **O Estatuto da Fronteira Brasil-Uruguai**. Brasília: FUNAG, 2010.
- RAMIL, Vitor. **A Estética do Frio: conferência de Genebra**. Porto Alegre: Satolep, 2004.
- Referências Eletrônicas**
- <http://www.guiageo-americas.com/mapas/uruguai.htm> Acesso em: 10 de jun. de 2015.